

O papel das emissoras educativas no Brasil em tempo de eleições

Débora Burini

Bacharel em Comunicação Social na habilitação Rádio e Televisão (1989), Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo (1996), e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Atuou desde 1988 em emissora de televisão, e participou como membro do Conselho Deliberativo da Direção do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (1995). Professora universitária desde 1995 atuou na Universidade de Taubaté, FAAP e Faculdade Cásper Líbero. Atualmente ministra aulas na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Jefferson José Ribeiro de Moura

Formado em Comunicação Social pela USP nas habilitações Rádio e TV e Publicidade e Propaganda. Especialista em Comunicação Social e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté. Professor há 25 anos, atuou na PUC de Campinas, Faculdades Anhembi Morumbi e Universidade Braz Cubas. Atualmente leciona na UNITAU e Faculdades Integradas Teresa D'Ávila onde também é Coordenador no Curso de Comunicação Social.

Letícia Passos Affini

Professora Assistente Doutora do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisa na área de produção de conteúdo audiovisual. Líder do Grupo de Pesquisa Artemídia e Videoclip da UNESP

Resumo

O conceito de rádio educativa está presente no Código Brasileiro de Radiodifusão de 1963, valorizado por uma Portaria Interministerial de 1999. Segundo dados do Ministério das Comunicações, apenas 176 emissoras são consideradas educativas do universo de 3 mil rádios existentes no Brasil. Nesse contexto, o estudo propõe estabelecer uma discussão sobre as experiências educativas obtidas a partir do rádio, considerando a cultura radiofônica brasileira, que privilegia concessões para grupos comerciais e de políticos religiosos. O desafio será avançar em direção a uma programação que alie entretenimento ao conteúdo educativo, e assim garanta um universo comum de competências comunicativas permitindo ao radiouvinte adulto sua real interação com o mundo que o cerca. A metodologia adotada no trabalho vai da pesquisa bibliográfica a partir de textos sobre o tema, bem como do resultado de observações práticas colhidas nas visitas as emissoras, e análise de programação.

Palavras-chave

Comunicação; Educação; Rádio; Espaço Público.

Abstract

The concept of educational radio is present in the Brazilian Code of Broadcasting in 1963, valued by an Interministerial 1999. According to the Ministry of Communications, only 176 stations are considered educational universe of 3,000 existing radios in Brazil. In this context, the study proposes to establish a discussion on the educational experiences obtained from the radio, considering the Brazilian radio culture that favors concessions to trade groups and religious politicians. The challenge will be to move toward a program that combines educational content, entertainment, and thus ensures a common universe of communication skills enabling the adult radio listeners their actual interaction with the world around him. The methodology will work in the literature from texts on the subject, and the result of practical observations collected during visits to the broadcasters, programming and analysis.

Keywords

Communication, Education, Radio, PublicSpace.

Introdução

Dados do Censo 2000 do IBGE e do Ministério das Comunicações indicam que o rádio é o veículo com maior abrangência, no entanto, seu alcance não chega a quase a totalidade da população brasileira.

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 91,4% dos mais de 53 milhões de lares do país possuem pelo menos um aparelho receptor de televisão e 88%, de rádio. Ao mesmo tempo, apenas 8% possuem assinatura de televisão a cabo ou por satélite e 14,4% têm acesso à rede mundial de computadores (*internet*), apesar de 18,6% possuírem computador.¹

Em algumas regiões, como no Estado do Maranhão esse índice fica bem abaixo da média nacional, com o menor índice populacional e apenas 64,35% do total de habitantes com acesso ao rádio. Na região norte 71,76% do total de habitantes possui acesso ao aparelho. Já o Rio Grande do Sul, atinge a marca de 94,78% da população geral com acesso a rádio.

Embora a Constituição Brasileira promulgada em 5 de outubro de 1988 determine, no Capítulo V da Comunicação Social, art. 223, que “Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observando o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal”. O que se observa é que, apesar da coexistência dos sistemas público, privado e estatal, o sistema de radiodifusão predominante no país na década de 1990 era o privado.

Existem mais de duas centenas de políticos como proprietários de meios de comunicação no Brasil. Segundo dados de março de 2008 do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação – FNDC, no Brasil, pelo menos 271 políticos são sócios ou diretores de emissoras de rádio e televisão.

Caldas, (1988), em sua tese de doutorado intitulada “O Latifúndio do Ar - Mídia e Poder na Nova República”, explica como se dava a moeda de troca entre políticos e governo:

No governo Sarney, o Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, o ‘homem forte da mídia, amigo de Roberto Marinho, exercitou com maestria sua forma de fazer política, usando um bem público como se fosse privado. “Em igualdade de condições (técnicas e financeiras), eu jamais deixo de dar a concessão a alguém que apóia o governo” (ACM, Folha de S. Paulo, 9/12/87, p.4). Verificou-se um verdadeiro derrame de concessões de rádio e televisão. Era essa a moeda mais forte para a conquista do apoio político que o delicado momento exigia. Se de 1922 a 1963 (em 41 anos) o número de outorgas de frequências de emissoras de rádio AM, FM e TV em VHF foi de 807, de 1964 a 1985 (em 21 anos) esse número subiu para 1.240 e no governo Sarney, de 1985 a 1988 (em apenas quatro anos) as outorgas alcançaram a impressionante cifra de 1.028. (CALDAS, 1988, p.113-114)

Esse fenômeno chamado de “coronelismo eletrônico” representa uma concentração de políticos que dominam a mídia através das concessões baseadas na troca de favores, e conseqüentemente na transformação da imprensa exclusivamente num meio de ganhar dinheiro como afirma Celso Schröder (2007, s/p):

É hora de o Estado e seus agentes compreenderem que não lhes cabe tutelar, coagir ou cooptar a imprensa e os movimentos sociais. Uma nova postura neste sentido pode contribuir para o fim da prática de uso das verbas publicitárias oficiais como moeda de troca por condições de governabilidade, ou do uso político do poder de concessão de outorgas de

¹ Disponível em: <http://alainet.org/active/20521> acesso em 2 de fevereiro de 2009.
ECCOM, v. 2, n. 3, jan./jun., 2011

*rádio e TV, possibilitando o surgimento de uma mídia não comprometida com correntes políticas ou projetos de poder.*²

Em todo o país, existem 3702 emissoras, entre AMs e FMs. A maior concentração delas está nas regiões Sul e Sudeste. São Paulo lidera o ranking, com 655 emissoras, seguido por Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. Os Estados com o menor número de emissoras são Roraima, Amapá, Tocantins³.

Desde sua invenção em 1896 pelo italiano Marconi⁴ ou através das primeiras experiências de transmissão da palavra falada feitas pelo padre gaúcho Roberto Landell de Moura⁵, essa tecnologia centenária — rádio — tem se notabilizado na história e mostrado que se mantém resistente mesmo diante do aparecimento de equipamentos como a televisão, o computador e, mais recentemente, a internet.

Em tempos de rádio via internet, radioblog, *podcast*⁶, onde é possível escolher o que escutar através da instalação de um programa no computador que baixa automaticamente, todos os dias, os conteúdos escolhidos; o simples e antigo hábito de ouvir rádio passou a se tornar uma das novas manias da rede mundial de computadores.

Características do Rádio

O rádio ensina, o rádio educa, o rádio diverte e entretém, o rádio consola, o rádio conversa. O prazer de ouvir rádio está diretamente ligado à característica de natureza pessoal e íntima do próprio *mídiu*m.

Em regiões geograficamente distantes, o rádio tem papel fundamental na transmissão da informação, mais do que isso, o rádio é um dos principais elementos formadores de opinião, onde muitas vezes é o único canal de comunicação entre a comunidade.

A informação transmitida pelo rádio não requer esforço para seu entendimento; basta ligar um receptor em determinada frequência e permanecer próximo para, desta forma, ouvir as informações que são enviadas.

Ainda que os avanços tecnológicos propiciem a invenção e a construção de outros equipamentos considerados mais modernos, o rádio permanece atual.

Para a Professora Maria Aparecida Baccega,

As tecnologias servem para ampliar a comunicação primeira, aquela que se dá através do aparelho fonador, utilizando-se fundamentalmente da linguagem: código verbal (língua) e não verbais (os gestos, por exemplo). Podemos ilustrar com uma conversa a dois. Ela ocorrerá sem maiores transtornos. Se, porém, ao invés de atingirmos apenas o nosso interlocutor, quisermos atingir um auditório, provavelmente usaremos microfone. Se, mais

² Disponível em: <http://alainet.org/active/20521> Acesso em 2 de fevereiro de 2009.

³ Disponível em: <http://www.freessystem.com.br/historia-do-radio/este-jovem-senhor-o-radio> Acesso em 09 setembro de 2009

⁴ Guglielmo Marconi nasceu em Bolonha (Itália) em 25 de abril de 1874. No final do ano de 1896, na Inglaterra, patenteou seu sistema de telégrafo sem fio. Em 1891 Marconi transmitiu ondas sonoras através do oceano, e o mundo ficou surpreso com a capacidade de seu invento.

⁵ Landell realizou experiências datadas de 1893, numa época em que o italiano Marconi dava ainda os primeiros passos na transmissão a distância pelo “sem fio”. Mais informações a consultar: CAUDURO, Fernando. *O Homem que Apertou o Botão da Comunicação*. Rio Grande do Sul, Feplan, 1977.

⁶ O termo *podcast* (junção de iPod com “broadcast”, que em inglês significa transmissão de rádio ou TV) se apresenta basicamente como arquivos de áudio MP3 colocados em sites. Permite ao internauta escolher não uma, mas centenas de “rádios”, milhares de “estações”, e construir uma programação personalizada, montando seu próprio programa de rádio e transmitindo para todo o mundo.

que um auditório, quisermos atingir pessoas em lugares mais distantes e em número maior - já na casa dos milhares e até milhões - podemos optar pelo rádio. (BACCEGA, 2003, s/p).

Progressos importantes na produção de componentes eletrônicos que são utilizados na construção física do rádio, com tamanho cada vez mais reduzido, também contribuíram para a portabilidade do rádio, possibilitando que ele se tornasse parte do cotidiano das pessoas. Essa portabilidade também ajudou na valorização do imediatismo e na rapidez como fonte de informação.

Ao longo dos anos, o rádio demonstrou-se elemento decisivo em transmissões de guerra, nas histórias românticas contadas por meio das radionovelas, nos esportes, na música, na utilidade pública e também como mediador na educação de adultos e crianças. Inúmeros projetos foram desenvolvidos tendo como elemento intermediário o rádio.

Uma profunda mudança no modo de uso transformou o rádio em um mídiun “secundário”, no sentido de que o radiouvinte adulto pode consumir sua informação ao mesmo tempo em que realiza outras atividades. O rádio acompanha a vida diária e o cotidiano de quem o ouve.

Fenati e Scaglioni (2002) afirmam que pela manhã a escassez de tempo na vida das pessoas limita ao mínimo o período e a duração de ouvir com atenção o rádio. Já durante o dia, a possibilidade de escutar de modo mais concentrado, suspendendo inclusive temporariamente as atividades paralelas, faz crescer a audiência, que aumenta lentamente até o final da tarde e início da noite, quando o tempo e o modo de fluidez são governados pela escolha dos radiouvintes e não mais pelo ritmo das atividades paralelas.

Parafraseando *Fenon di Citon*, (CEMINA, s.d.), revela que nascemos com dois ouvidos e uma boca; temos, portanto, muito mais a ouvir do que a falar, e talvez esse seja o segredo de o rádio ser até hoje o veículo mais ágil, divertido, cúmplice e companheiro de todas as horas.

O espaço público

Thompson (1998) discute as transformações provocadas pela mídia em novas e modernas formas de interação entre os indivíduos. A quase interação mediada cria certo tipo de situação social através da qual os indivíduos são conectados por meio de um processo de comunicação e de troca simbólica. Nestor García Canclini (2003, p.284) assim descreve que “Perceber que as transformações culturais geradas pelas últimas tecnologias e por mudanças na produção e circulação simbólica não eram responsabilidade exclusiva dos meios comunicacionais induziu a procurar noções mais abrangentes”.

Habermas (2003, p.108) avalia que a esfera pública passou a ter o “status normativo de órgão de auto-mediação da sociedade burguesa com um poder estatal que corresponda às suas necessidades” e Poulantzas (1978) define o Estado como “a condensação material de uma relação de forças entre classes e frações de classe”. Para ele:

Se a Indústria Cultural é um elemento de mediação entre o capital, o Estado e as outras instituições das ordens econômica e política, de um lado, e as massas de eleitores e consumidores do outro, essa mediação não se faz em termos de grandes estruturas, segundo as linhas da dinâmica pesada que pode derivar dos modelos de base e superestrutura, mas antes segundo as relações conflituosas que se estabelecem entre os diferentes atores que, nos diferentes setores relacionados, participam daquela dinâmica ágil que responde, a cada instante, e de forma sempre problemática, às necessidades da acumulação do capital e da reprodução ideológica de um sistema caracterizado pela anarquia e pela contradição. (POULANTZAS, 1978, p.215-216)

Thompson, J. B. (1998), em “A Mídia e a Modernidade”, relaciona a modernidade com as diferentes formas de interação entre os indivíduos. Distingue o face a face da interação mediada, da quase interação mediada (livros, jornais, pelo rádio, TV). A quase interação mediada cria certo tipo de situação social através da qual os indivíduos são conectados por meio de um processo da comunicação e da troca simbólica. Thompson discute as transformações provocadas pelas novas mídias e pelas modernas formas de interação entre os indivíduos.

Nesse sentido, o Ministro das Comunicações, Hélio Costa, em discurso proferido na cerimônia de abertura do 25º Congresso Brasileiro da Radiodifusão realizado em Brasília pela ABERT – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, solicitou aos jovens, que voltem a assistir televisão e a ouvir rádio, e não utilizem tanto a *Internet*⁷

Mais uma vez a temática da democratização da comunicação e sua relação com a democratização do país é colocada em pauta, confirmando a posição do sociólogo francês Dominique Wolton (2009) durante conferência de abertura do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, na cidade de Curitiba. Na ocasião ele afirmou: “não há democracia sem comunicação”. Para Wolton comunicação não é simplesmente compartilhar idéias, mas, colaborar para democratizar a informação valorizando e respeitando a inteligência do receptor.

Para Celso Schröder (2007) coordenador-geral do FNDC - Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, desde o início da década de 90, quando foram propostos e implantados os Conselhos Municipais de Comunicação em diversas cidades brasileiras, o FNDC sabia da importância de estruturar os espaços onde o Estado poderia ouvir a sociedade sobre os assuntos de comunicação. Para o FNDC, a comunicação é mais do que o direito de se expressar livremente. Pluralidade de idéias e livre circulação de bens simbólicos de comunicação e informação são alicerces tão caros à democracia quanto o ideal de liberdade individual com igualdade social.

Eficiência educativa do rádio

Para Laurindo Leal Filho⁸ (2001), o conceito de educação está na origem do rádio, no entanto, como nosso modelo institucional é o comercial, a idéia inicial foi sendo substituída pelo entretenimento e pela informação.

Se pensado como instrumento pedagógico, o rádio poderá ser uma ferramenta importante nesse processo de educação, pois a população brasileira, essencialmente verbal, identifica-se com ele.

O rádio pode focar temáticas de interesse local, interpretando o mundo por perspectivas diferenciadas e/ou com idiomas locais. A penetrabilidade, a natureza local e a capacidade de envolver comunidades num processo interativo de comunicação, somadas ao baixo custo de produção e distribuição, são qualidades imprescindíveis para justificar o poder do rádio no processo de desenvolvimento de uma comunidade.

A eficiência educativa do rádio é notoriamente comprovada por experiências bem-sucedidas em vários países latinos americanos, a exemplo de Cuba, Guatemala, Costa Rica, Honduras, Equador, Bolívia, República Dominicana, entre outros, que promovem uma integração e um desenvolvimento das comunidades na sociedade a partir da alfabetização popular pelo rádio.

Esses países utilizam o rádio como ferramenta de comunicação, gerando a integração das pessoas na sociedade, e desenvolvem, assim, uma promoção humana que possibilita uma criação de ser humano mais integral, motivando as pessoas para um desenvolvimento comunitário de modo concreto.

⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u576062.shtml>. Acesso em 03 de junho de 2009.

⁸ Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/outubro01/capa.htm Acesso em 10 de setembro de 2009.

O ICER, Instituto Costarricense de Enseñanza Radiofônica, a Radio San Gabriel na Bolívia, o ACPO – Acción Cultural Popular (Colômbia) ou mesmo a La Asociación Latinoamericana de Educación Radiofônica (ALER) podem ser consideradas experiências concretas de alfabetização e pós-alfabetização dirigidas à população adulta:

(...) algunas emisoras ofrecen programas de alfabetización con una orientación de formación integral del adulto, recolectando las necesidades fundamentales de esa población e enfatizando el uso del radio como eje central al redor del qual se incorporan materiales impresos, actividades presenciales de orientación e otros elementos (...) (FUENZALIDA, 1991, p.139).

As diferentes manifestações conceituais e os modos de ser indicam as dificuldades e possibilidades existentes em cada situação e contexto. A relação do rádio com as comunidades demanda, no entanto, dois elementos fundamentais: uma ação interpessoal direta e uma série de materiais impressos aliados ao elemento auditivo.

Segundo Jorge Werthein⁹ (1998), representante da UNESCO no Brasil, é necessário manter um sistema permanente de educação de adultos para erradicar o analfabetismo e para assegurar, ao longo da vida, condições de aquisição e renovação dos conhecimentos básicos, indispensáveis para o exercício pleno da cidadania.

Cabe ao rádio o papel de mediador entre o professor/tutor (entenda-se como tutor uma forma de orientador) e o adulto/radiouvinte. A identidade e as características estruturais da própria emissora também influenciam decisivamente nessa relação emissor/receptor, ou seja, modelos tecnológicos de transmissão sonora adotados pelas emissoras podem ser decisivos no impacto da informação que chega.

Para uma emissora de rádio assumir e criar um registro sonoro preciso é necessário um equilíbrio e uma coerente impostação de todos os elementos da programação: conteúdo, linguagem e produção.

Para isso, há que se investir em profissionais capacitados tanto na área técnica quanto na área pedagógica, podendo a emissora atingir um aperfeiçoamento tal, capaz de transformá-la em um centro de referência na produção de conteúdos educativos para o rádio. O que melhorará a interação entre o radialista, que desempenha a atividade radiofônica (locução, sonoplastia, programação, etc.), e o docente, que desempenha a função de educador.

Desta forma, a emissora preserva sua atividade cultural e/ou educativa e mantém o seu papel social e político, além de contribuir com o processo de democratização da população adulta a que se destina, possibilitando sua inserção social e garantindo, com isso, o pleno exercício da cidadania.

O ensino público voltado para a população sem escolaridade ou dela excluída teve como marco a "Campanha Nacional de Educação de Adultos", deflagrada em 1947 pelo então Governo Federal do presidente Eurico Gaspar Dutra. No entanto a preocupação de Roquette Pinto¹⁰ com a educação já era manifestada em 1941, quando ele incentiva a criação de programas radiofônicos específicos de educação, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, programa chamado "Universidade no Ar".

Mais tarde, em 1959, foi dado início às escolas radiofônicas em Natal, no Rio Grande do Norte, e depois, em 1960, surge o Movimento de Educação de Base (MEB), criando-se escolas radiofônicas que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudança de atitudes, nas quais se utilizavam, para isso, animadores populares. Era uma experiência considerada inovadora, que deu um salto de qualidade no sistema educativo por rádio.

⁹ Disponível em: <http://www.jorgewerthein.com/site/> Acesso em 10 de setembro de 2009.

¹⁰ Edgar Roquette Pinto é considerado o "pai da radiofusão" no Brasil. Nasceu no Rio de Janeiro em 25 de setembro de 1885 e faleceu em 1954. Fundou a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro (atualmente Rádio MEC) e a Rádio Escola do Distrito Federal, atual Rádio Roquette Pinto.

O contrato entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apontava para a expansão do sistema de escolas radiofônicas aos estados nordestinos, possibilitando o surgimento de um sistema de ensino a distância não-formal.

Pavan (2001) esclarece que, anos mais tarde, surgem os cursos básicos do Sistema de Rádio Educativo Nacional (Siren), irradiados de 1957 a 1963.

Em 1967, com a finalidade de atender às necessidades da massa de indivíduos marginalizados da rede escolar, foi criada a Fundação Padre Anchieta — Centro Paulista de Rádio e Televisão Educativa, que iniciou suas experiências no campo da educação somente em 1969, utilizando, para tanto, os recursos propiciados pelo rádio e pela televisão.

Em 1970 uma portaria define que as emissoras comerciais de rádio e televisão têm a obrigatoriedade da transmissão gratuita de cinco horas semanais de 30 minutos diários, de segunda a sexta-feira, ou com 75 minutos aos sábados e domingos.

É iniciada então, em cadeia nacional, a série de cursos do Projeto Minerva por rádio e Madureza por tevê, irradiando os cursos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial, produzidos pela Fundação Educacional Padre Landell de Moura (FEPLAM), instituição privada sem fins lucrativos que promovia a educação de adultos, e pela Fundação Padre Anchieta.

O Projeto Minerva, segundo Pavan (2001), possuía um cunho informativo-cultural e educativo com uma produção regionalizada, concentrada no eixo Sul-Sudeste, e uma distribuição centralizada. O programa acabou não conquistando a população, que o chamava de "Projeto Me Enerva". Isso contribuiu para fortalecer a imagem, segundo Pavan, de que o rádio educativo é chato e cansativo.

Assim, antes mesmo da vigência da Lei Federal nº 5.692/71, São Paulo já vinha utilizando as novas tecnologias educativas da época, tanto meios formais quanto informais de educação de jovens e adultos.

Mais tarde, um acordo assinado entre a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e o Ministério da Educação substitui o Projeto Minerva por três pequenos programas que devem ser veiculados aos sábados e domingos em um horário escolhido pelas emissoras, entre às 6h e às 22h, com a determinação de que, uma vez definido o horário, este não seja mais alterado.

Os programas, segundo Pavan (2001), tratam de ações do MEC, como Enem ou Provão, sempre terminando com a leitura de um poema ou trecho de um conto ou romance. Neles, o Ministro também aproveita para ler e responder cartas de ouvintes.

Utilizando-se da linguagem radiofônica, o MEC lançou em 2000 o projeto Rádio Escola como recurso para auxiliar na capacitação de alfabetizadores do Programa Alfabetização Solidária.

Há pouco mais de seis anos foi criado em São Paulo o Projeto Educom, Educomunicadores pelas Ondas do Rádio, que conta com o apoio da Universidade de São Paulo (USP), da Secretaria Municipal da Educação e da Prefeitura do Município.

O projeto previa equipar cada unidade escolar de ensino fundamental e médio da rede municipal com um estúdio de rádio de transmissão restrita. O objetivo era promover o desenvolvimento de práticas pedagógicas solidárias e colaborativas que permitissem à comunidade escolar dar respostas adequadas e construtivas aos problemas da convivência diária.

Paulo Freire (1976) defendia que o relevante para a alfabetização era que esta tivesse como objetivo dar aos estudantes adultos da classe popular os instrumentos de que necessitavam para reafirmar seus modos de expressão, suas histórias e suas próprias vidas.

Segundo Júlia Albano da Silva,

(...) a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio, adquirindo nova especificidade, ou seja, estes elementos perdem sua unanimidade conceitual à medida que são combinados entre si a fim de compor uma obra

essencialmente sonora com o “poder” de sugerir imagens auditivas ao imaginário do ouvinte. (SILVA, 1999, p.71).

É sabido que o rádio atua apenas como um mediador nessa relação de educação com o radiouvinte e que não tem a pretensão de dissociar elementos que constituem o alicerce da educação num âmbito geral. Não se trata aqui de substituir o ensino presencial por um ensino verbal-oral, mas de compartilhar dos atributos que o meio possui para assim colaborar na implementação de um sistema de informações que auxilie no aprimoramento da capacidade de participação dessa parcela da população.

Tânia Maria de Melo Moura, quando analisa a teoria de Paulo Freire, revela:

Para Freire, os homens se fazem na palavra, no trabalho, na ação e reflexão e não no silêncio. Como a palavra verdadeira é trabalho, é práxis, é transformar o mundo, dizê-la não é privilégio de alguns homens, nem é um ato de prescrição, feito por alguém sozinho, dirigido ao outro, numa atitude de roubo da palavra dos demais. Ela se dá no diálogo. (MOURA, 1999, p.89).

Os gêneros de discurso utilizados para interação representam, por meio de seus enunciados, um ato social de interlocução e, portanto, buscam o êxito nas relações de comunicação propostas.

Entender o rádio como um mediador nessa relação auxiliando o educador a construir seus saberes por meio de práticas pedagógicas inovadoras, com o uso da linguagem radiofônica, é o desafio lançado aqui.

O rádio como instrumento para a educação é mais eficiente quando atua em colaboração com outros elementos (livros, jornais, revistas, reuniões pedagógicas). Com o apoio desses materiais, as possibilidades educativas por meio do rádio são inúmeras.

As informações de caráter educativo transmitidas por uma emissora em particular devem, no entanto, atender às necessidades e especificidades da população a que se dirige, Ortriwano (1985, p.83) afirma que “O produto radiofônico —mensagem— precisa respeitar todas as características do meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor o fato de a mensagem radiofônica estar destinada a ser apenas ouvida”.

As diferentes manifestações conceituais e os modos de ser indicam as dificuldades e possibilidades existentes em cada situação e contexto. A relação do rádio com as comunidades demanda, no entanto, dois elementos fundamentais: uma ação interpessoal direta e uma série de materiais impressos aliados ao elemento auditivo.

Considerações finais

A escola tem conseguido muito pouco funcionar como reprodutora de informações e conhecimentos para o futuro cidadão da era global.

Segundo Passarelli (2003), a importância de uma nação será determinada pelo valor potencial daquilo que os cidadãos podem acrescentar à economia global, enriquecendo as capacitações e habilidades de seu povo.

A mudança de paradigma é respaldada, segundo Morin (2004), pela reforma do pensamento, por movimentos constantes de (des)construção do que é posto e acordado como verdade absoluta pela ciência, do que é a parte e o todo e principalmente de novas formas mais coerentes, conscientes de atuação dos indivíduos na sociedade.

Diante do papel não indiferenciado da educação escolar no desencadeamento de novos processos cívicos, éticos e sociais do indivíduo, Morin aponta que a missão da educação para a era planetária é fortalecer as

condições de possibilidades emergentes numa sociedade-mundo constituída por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização.

Nesse sentido, mais do que nunca é preciso avançar em direção a uma comunicação dialógica a partir do rádio, estabelecendo um universo comum de competências comunicativas que permitam ao radiouvinte/eleitor sua real interação com o mundo que o cerca. Pinto (1989, p. 82) afirma que “O educador de adultos tem que admitir sempre que os indivíduos com os quais atua são homens normais e realmente cidadãos úteis. Tem de considerar o educando não como um ser marginalizado, um caso de anomalia social, mas, ao contrário, como um produto normal da sociedade em que vive”.

Desenvolver a cidadania estimulando a reflexão crítica, provocar o debate, democratizar o acesso e o uso dos espaços na grade de programação radiofônica de emissoras comerciais são algumas possibilidades apresentadas.

Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídiun não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiun não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiun modifica o conjunto de um gênero de discurso. (MAINGUENEAU, 2001, p. 71-72).

Enquanto o rádio estiver sendo controlado por grupos comerciais e de políticos religiosos, permanecerá inócuo. É necessário, portanto, investir na criação e na implementação de políticas públicas voltadas a um modelo que contemple os vários setores, capazes de garantir a utilização dos espaços radiofônicos de forma mais consciente, auxiliando na viabilização de conteúdos educativos que consigam educar e entreter.

O segredo para a criação desses conteúdos é aliar interesses comerciais com uma visão social, derrubando uma programação voltada apenas para os interesses comerciais imediatistas, que faz do rádio uma espécie de “joke-box”, funcionando mais como trilha sonora do cotidiano.

Durante muitos anos, as emissoras foram usadas para transmitir educação chamada formal, ou seja, uma aula pelo rádio. Quando as emissoras oferecerem um conteúdo mais voltado para a discussão de idéias, fomentando essas discussões, acredita-se que o eleitor poderá compreender melhor o papel que possui na sociedade e, a partir daí, iniciar um processo de desenvolvimento irreversível.

Compreender esses aspectos é caminhar para a libertação e universalização dos saberes, favorecendo a aquisição de conhecimentos e habilidades indispensáveis para que se introduzam e se promovam os diferentes modos de comunicação no conjunto das atividades políticas e educativas.

A utilização plena e eficaz do *mídiun* rádio antevê uma desmistificação do seu papel como ferramenta de educação exclusiva para analfabetos. Acreditar que o rádio funcione apenas como um mediador para os excluídos do sistema educacional é restringir o potencial de alcance que o *mídiun* prevê.

Para o jornalista, Diogo Moisés¹¹ (2009), coordenador do Intervezes e do Observatório do Direito à Comunicação, em entrevista ao Jornal *O Estado de S. Paulo* em 18 de setembro de 2009, “a América Latina tem um longo histórico de uso privado do patrimônio público”.

De uma emissora pública espera-se a possibilidade da informação contextualizada, com diferentes vozes para que o radiouvinte/eleitor possa formar sua própria opinião de forma autônoma.

Torna-se indispensável despertar o radiouvinte/eleitor para idéias e gostos culturais menos familiares, ampliando mentes e horizontes. Uma mídia plural aberta às classes sociais produziria um ambiente capaz de unificar uma sociedade conflituosa.

Nesse sentido, desenvolver a cidadania, estimular a reflexão e a crítica, provocar o debate, democratizar a informação são algumas das possibilidades que o rádio na forma digital poderá apresentar. Será isso quando reivindicado um novo tipo de conhecimento, um conhecimento por participação. O ser humano é

¹¹ Disponível em: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090918/not_imp437090.0.php Acesso em 18 de setembro de 2009. ECCOM, v. 2, n. 3, jan./jun., 2011

essencialmente um agente em suas atividades, as quais não comportam serem definidas em termos de simples reações ou respostas. É necessário que as políticas públicas ofereçam a possibilidade de abertura da capacidade de as pessoas realizarem sua própria leitura de forma autônoma, sem interferências. Conhecer, saber manusear, entender o modo de expressão do rádio cria uma competência importante no sentido de utilizá-lo com eficiência na produção de conteúdos esperados pelos radiouvintes/eleitores envolvidos na comunicação.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Graça. **O Latifúndio do Ar: Mídia e Poder na Nova República**. Tese de Doutorado, ECA/USP, 1988.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Trad. Heloíza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ªed. São Paulo: EDUSP, 2003 e 1ªed.1997.

CEMINA. **Inclusão digital e social através de rádios comunitárias: a experiência da rede cyberela**. Disponível em: <http://amora.rits.org.br/cemina/html/subcapII5.html>. Acesso em: 1 abr. 2005.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Tecnologia e construção da cidadania**. São Paulo, 7 a 14, maio/ago. de 2003. Disponível em: <http://www.sinproprp.org.br/Clipping/2004/027.htm> Acesso em: 1 abr. 2005.

FENATI, Barbara e SCAGLIONI, Alessandra. **La Radio: modelli, ascolto, programmazione**. Roma: Carocci Editore, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FUENZALIDA, Eugenio Rodríguez. **Alfabetización y Postalfabetización por rádio**. Madrid: Editorial Popular, 1991.

GIRARD, Bruce. **Radio Broadcasting and the Internet: Converging for development and democracy**. Disponível em: <http://www.comunica.org/kl/girard.htm> Acesso em: 1 abr. 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. Alagoas: Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), 1999.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PASSARELLI, B. **Teoria das múltiplas inteligências aliada à multimídia na educação: novos rumos para o conhecimento**. Disponível em: <http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos> Acesso em: 18 nov. 2004.

PAVAN, Alexandre. **Em busca de sintonia**. Revista Educação, São Paulo, Editora Segmento, Edição nº 246, outubro 2001. Disponível em:

ECCOM, v. 2, n. 3, jan./jun., 2011

http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_revistas/revista_educacao/outubro01/capa.htm Acesso em: 10 mar. 2005.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1989.

POULANTZAS, Nico. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

SALIMON, Mário. **Escola Brasil: o rádio a serviço da educação**. Brasília, DF:AM Produções, 2001.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada**. São Paulo, Annablume, 1999.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.